

---

## *Cidadania para a História*

*Loraine Slomp Giron\**

---

**Resumo:** No alvorecer do novo século, a História passa por mais um período de crise de identidade. Seus antigos paradigmas são relegados ao esquecimento, substituídos pelos da Antropologia e da Sociologia. Assim, os historiadores correm o risco de perder a História.

**Abstract:** At a new century dawn, History experiences once again a crisis of identity. Its old paradigms are relegated to oblivion, replaced by those of Anthropology and Sociology. Therefore, historians risk to miss History.

**Palavras-chave:** História, paradigmas, cidadania.

**Key words:** History, paradigms, citizenship.

---

### **Sísifo e História**

Tanto da Filosofia quanto das ciências “não se pode esperar esse caráter definitivo” já que como obra humana “pode imaginar-se um manto de Penélope, que de noite se desfia e todos os dias se recomeça desde o princípio” (Hegel, 1976, p. 2). Como o manto de Penélope, a História tem sido escrita e rescrita em cada época. A história da História é um longo e atribulado trabalho de invenção e negação de verdades. Na contracorrente do tempo, a construção de paradigmas revela um conhecimento que é reinventado, e que descontente com a invenção, o homem a nega, condenando-a à destruição.

Nada é tão transitório como o saber humano, forçado para frente pelas descobertas tecnológicas e por novas teorias. O historiador como Sísifo procura a permanência de suas explicações que desmoronam inevitavelmente com o tempo.

A História como a Economia é uma ciência datada “é ela uma das ciências que nos tempos modernos surgiram como em seu terreno próprio”

---

\* Professora na Universidade de Caxias do Sul (UCS) e Doutora em Ciências Sociais.

(Hegel, 1976, p. 177). Cada nova ciência tem como finalidade explicar um novo objeto que marca o tempo em que surgiu. No caso da Economia é a nova forma de produção; no da História, é o Estado, o novo regime do império da lei.

As ciências são marcadas não só pelo surgimento de novos objetos, que se impõem à explicação humana: são marcadas também pelo aparecimento de um novo aparato tecnológico que permite nova forma de ler e analisar o objeto. Nem só o objeto, nem só as técnicas exigem novas explicações, mas ainda a nova ideologia. “Toda classe nova que toma o lugar daquela que antes dominava, é obrigada, para realizar seus fins, a apresentar seus interesses como sendo o interesse coletivo de todos os membros da sociedade, ou seja, é obrigada a exprimi-lo idealmente, a dar a seus novos pensamentos a forma da universalidade, a apresentá-los como os únicos racionais e universalmente válidos” (Marx, 1976, p. 93).

A universalidade pretendida pela produção capitalista ganha em Hegel seu maior pensador. Com ele, a História recebe o papel central no controle do Estado, “constitui a história universal um tribunal porque, na sua universalidade em si e para si, o particular, os penates, a sociedade civil, realidade espiritual em ato,” que lê e julga o movimento do passado. No despertar dos tempos contemporâneos, a História desponta como ciência máxima, ligada de forma indissolúvel à instituição máxima do homem. A História ganha foros de tribunal divino encarregado de julgar o passado.

## Tramas de Penélope

O século XIX foi o século da História, foi o período durante o qual a História reinou soberana. Sua racionalidade não é contestada. Os historiadores como incensadores do Estado Nacional, têm seu papel garantido como narradores de seus fatos e feitos. As críticas feitas à História oficial não abalam sua credibilidade. Os senhores do mundo são também os senhores da História.

Mas, no interior da sociedade, novos rumos tomam os movimentos da História real. Novas tramas são estendidas pelo caminho do tempo. O crescimento do mercado fazia-se à sombra do poder do Estado. O interesse privado aos poucos vai ganhando forças do próprio Estado. O mercado como sáprófita nutre-se da riqueza da nação, diminuindo suas forças e sua resistência.

No século XVIII, Adam Smith já traçara os caminhos da riqueza, por meio da história da distribuição da riqueza entre as classes. Smith é o profeta do mercado. Fica evidente que “o interesse dos comerciantes, é, todavia, em qualquer ramo de atividade, sob muitos aspectos, sempre diferente e mesmo oposto, ao do público” (Benjamin, 1981, p. 156). Enquanto o mercado consegue manter-se dentro do esqueleto do Estado, o seu poder continua a ser respeitado. Quando o mercado, dado seu crescimento, não se conforma ao

tamanho do Estado, como um monstro, rompe o seu tecido. “Nos poros da antiga sociedade, se tinha constituído uma nova sociedade que deve destruir a carapaça política – o invólucro natural da antiga sociedade – considerando-a como um obstáculo à ordem natural” (Marx, 1977, p. 88).

O mercado, abrigado na sociedade civil, ganha autonomia, suplantando-a. Nas tramas de Penélope, o desenho do Estado vai sendo desmanchado; em seu lugar, vai aparecendo o desenho do novo soberano: o mercado. O desmanche do Estado é lento, os historiadores oficiais conseguem manter uma sobriedade.

Outros são os historiadores do mercado, a nova racionalidade se assenta na distribuição da riqueza. São os economistas os profetas da ordem natural, das leis naturais do mercado.

## **A destruição do templo**

Cada tempo tem sua ciência, cada catástrofe tem seu profeta. A face do Estado revelada é por seu Jeremias Marx que revela a face do Estado, posto a serviço da produção. O templo sagrado do Estado foi para sempre profanado.

Na História real, o crescimento do mercado aponta para o fim do Estado. O mercado tem outra lógica e outros servos. São os economistas que afloram como os portadores de nova racionalidade. Os historiadores, aos poucos, perdem o rumo. Os antigos caminhos do poder estão cortados. São as teorias de Marx que indicam novos caminhos a serem trilhados.

Os historiadores buscam esses novos caminhos. Notáveis mais pela sua subserviência ao poder do que pela sua capacidade de predição, pressurosos seguem em direção ao novo senhor: o mercado. Novos meios de explicação são emprestados da economia. A tessitura teórica é deslocada do político para o econômico. Em vão, buscam novas explicações.

O século XX – de triste memória – é o século dos economistas servos do mercado e dos mercadores. É o século dos muitos paradigmas e do grande holocausto histórico, no qual as explicações históricas procuram novos objetos, novas fontes e novo norte. É o século dos historiadores em busca do senhor perdido.

## **O tempo perdido**

O Estado Nacional morre em grande estilo, esmagado sob o peso dos escombros das suásticas e dos lítores. Nova ordem política é proposta ao mundo: o mercado global transvestido em megaestado econômico.

Walter Benjamim – antes de ser destruído, hecatombe nazista – anunciava que os vencidos têm uma história que nunca foi contada. A história dos vencedores

que tudo elimina, destrói até a memória da sociedade. De tal forma que “se o inimigo vencer, nem os mortos estarão a salvo dele. E esse inimigo nunca parou de vencer” (1981, p. 156).

Em busca do tempo perdido, alguns historiadores procuram traçar nova trama. O fio porém estava solto no meio dos escombros. Tramas perdidas já que os vencidos nunca escreveram sua história. Mas os vencidos não são os senhores da História, e este não parece ser um caminho seguro para os historiadores.

Marcada pela volubilidade, a história busca servir o novo senhor, seja ele qual for. Os historiadores parecem ter vocação para a submissão de tal forma que para eles há um só caminho: “sujeitar-se a ser um instrumento da classe dominante” (1981, p. 156).

### **Deus não precisa de História**

O final do século XX é marcado pelo anúncio do fim da História. Os arautos do fim da história acreditam que, com a queda do muro de Berlim, terminaram os interesses divergentes da sociedade. O fim do muro é o fim da História. Sem direita ou esquerda a sociedade dirigida pelo mercado global não tem mais antagonismos. A História como processo de mudanças ficaria para sempre morta, jogada na pedra sacrificial do mercado.

O mercado não precisa da História, mas, de qualidade total da produção. Mais do que isso, o mercado não quer a História. Não há qualquer utilidade em contar o passado quando importante são os lucros do presente e do futuro. O mercado assim como Deus não depende do tempo, para o que é eterno não há História

O mercado precisa de propaganda. O mercado encontra uma nova racionalidade, onde o mundo da produção é o mundo perfeito, no qual só existe o mercado cada vez maior e consumidores. O quarto poder demonstra que tal é o mundo perfeito. Qualquer divergência é considerada irracional e politicamente incorreta. A unanimidade parece essencial ao mercado global. No mercado, a História não tem papel. Sem papel no mercado é nociva e politicamente incorreta.

### **Cidadania para a História**

No início do século XXI, os historiadores parecem marcados para morrer, da mesma forma que o século XX assistiu à morte de várias profissões, que os avanços técnicos liquidaram. Foi o fim dos telegrafistas e do telégrafo. O historiador é o telegráfo do passado e, como ele, destinado à extinção.

A História no mundo globalizado procura a microexplicação, em busca da sobrevivência ou de alguma sobrevivida, no único espaço que lhe restou. O mundo global é o domínio do extremo individualismo, e onde o poder privado avança sobre os espaços públicos, só restam os espaços privados.

São muitas as aventuras dos historiadores em busca da Ítaca perdida. Alguns foram atrás dos mercadores no tempo. Traçaram caminhos da civilização material, os caminhos marítimos de Sevilha e do Atlântico e o dos jogos das trocas. São as novas formas de tempo, de lugar e de espaços. O caminho da exploração econômica, porém, foi logo esquecido.

Hoje, a História busca na Antropologia seu norte. Se a História está morta, deixem que os mortos enterrem os mortos; aos vivos cabem as comemorações, os eventos, as festas, os ritos, a vida privada, perscrutando as questões do gênero e do cotidiano. São as biografias, as histórias de vida e de grupos que tomam o lugar das grandes explicações espaço-temporais.

Os vínculos da dominação e da dependência nunca foram tão claros como na atualidade. Tanto na ciência quanto na educação, a História é uma das grandes vítimas da globalização. No limiar do século XXI, a principal questão que deve preocupar os historiadores é a da possibilidade de sobrevivência da própria História. A luta deve ser a de encontrar um espaço para a cidadania da História.

## Referências bibliográficas

---

- HEGEL, G. W. F. *Princípios da Filosofia do Direito*. Trad. Orlando Vitorino. Lisboa: Martins Fontes, 1976. p.177 (Nota do § 189) (Prefácio).
- SMITH, Adam. *Riqueza das nações*. Trad. Teodora Cardoso, v. I. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1980. p. 477.
- MARX, Karl. *Textos filosóficos*. Trad. Maria F. M. Simões. Lisboa: Estampa, 1977. p. 88.
- MARX, Karl. *Introdução à ideologia alemã*. Lisboa: Martins Fontes, 1978.
- BENJAMIN, Walter. Teses sobre Filosofia da História. In: KOTHE, Flávio (Org.). São Paulo: Ática, 1981. p. 156.

